

OPINIÃO

Muita cautela com juros baixos



Divulgação

Wagner Bragança

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reduziu a taxa de juros para 4,5%, o menor nível desde 1999, quando se iniciou o regime de metas para a inflação. A notícia não deixa de ser boa, mas recomenda cautela. O juro real é um estímulo para a atividade econômica. Mas pode ser um perigo para a renda das famílias.

Em um economês difícil de entender, o Copom avaliou que poderia reduzir a taxa de juros porque os dados da atividade econômica a partir do segundo trimestre indicam que a recupe-

ração da economia vem ganhando força e deve seguir nesse ritmo de forma gradual. E isso apesar de a inflação sentir o peso da valorização do dólar, do aumento dos combustíveis e da alta do preço da carne. Os economistas avaliam que os sinais de aquecimento da atividade indicam que não seria necessário reduzir ainda mais a taxa para estimular a economia.

A Taxa Selic funciona como uma balança para definir quanto os cartões, os bancos e as financeiras cobram dos clientes e é principal instrumento do Banco Central para conter a inflação. E é aí que mora o perigo. O crédito à pessoa física acelerou no último ano e continua a crescer. O endividamento das famílias, o avanço dos indicadores de inadimplência e a lenta recuperação do mercado de trabalho indicam que o momento exige muito cuidado na hora de gastar, especialmente neste fim de ano, quando sabemos que janeiro está logo aí com várias contas para pagar: os gastos do Natal e Réveillon, o IPTU, o IPVA, o material escolar, só para citarmos alguns.

A frequente queda da taxa de juros promovida pelo Copom reanimou o mercado de crédito que andava retraído pela crise econômica, a queda da renda das famílias, a alta do desemprego e a falta de interesse dos bancos em emprestar. Essa nova redução pode animar as pessoas a pedir



Marcello Casal Jr/Agência Brasil

O juro real é estímulo para a atividade econômica, mas pode ser perigoso para renda familiar

mais empréstimo, mas não é assim que se deve pensar. Não é hora de dar passo maior que a perna, como bem ensina o antigo ditado popular. Se a atividade econômica mostra sinais de aquecimento, o mercado de trabalho não segue o mesmo ritmo. E a queda de juros não acontece de um dia para outro, leva algum tempo para se tornar realmente uma realidade.

Os dados do Banco Central revelam que, em setembro, quase 45% da renda anual dos brasileiros era usada para pagar dívidas. Isso porque a taxa cobrada no crédito para pessoa física, seja por cheque especial ou financiamento, é bem

maior do que a do juro básico. Em outubro, para se ter uma ideia, estava em 49,7%, segundo o BC. Antes de se animar em assumir uma dívida, ou a pensar nessa possibilidade, é bom lembrar que há quase 64 milhões de inadimplentes no Brasil, ou seja, pessoas que estão devendo.

Mesmo assim, os bancos estimam que a concessão de crédito às pessoas físicas deve continuar a evoluir. Nos últimos 12 meses, até outubro, o aumento foi de 14%, informa o BC. Se a economia continuar a evoluir e a inflação se mantiver sob controle, 2020 promete ser melhor, o desemprego tende

a diminuir e o endividamento das pessoas não deve crescer por conta do cadastro positivo. Mas é sempre bom se prevenir.

De qualquer forma, vale salientar que a redução da taxa de juros tem impacto positivo na economia como um todo. O custo da dívida pública fica menor. O Brasil economiza muito em juros. Nem todos os setores ganham, mas a maioria acaba por se beneficiar. Na esteira da decisão do Copom, a Caixa Econômica Federal anunciou uma nova redução dos juros do cheque especial e para a compra da casa própria.

Além disso, a agência de classificação de riscos Standard&Poor's, a primeira a rebaixar a nota do Brasil, elevou a perspectiva de crédito do país de estável para positiva. O Brasil segue com a nota BB-, de grau especulativo, mas este novo rating indica que o país pode melhorar sua posição nos próximos dois anos, a depender da situação fiscal depois da aprovação da reforma da Previdência e da manutenção da agenda de reformas.

Depois de um ano arrastado, pelo menos o horizonte aponta para um 2020 melhor.■

Wagner Bragança é advogado tributarista e mestre em Direito Constitucional

Guia combate a obesidade infantil

Publicação do Ministério da Saúde voltada para o bem-estar das crianças poderá ser adaptada para outros países

Tânia Régio/Agência Brasil

O Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 Anos, publicação feita pelo Ministério da Saúde com o intuito de combater a obesidade infantil, poderá ser adaptado e usado por outros países que têm o português como língua oficial. A sugestão foi apresentada nesta semana pelo ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, durante a V Reunião de Ministros da Saúde – encontro que reuniu autoridades da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Lisboa, Portugal.

Lançado este ano, o guia apresenta recomendações e informações sobre ali-



Guia apresenta recomendações e informações sobre alimentação de crianças nos dois primeiros anos de vida

mentação de crianças nos dois primeiros anos de vida.

Além de promover saúde, crescimento e desenvolvimento a esse público, o guia subsidia família e profissionais de saúde em ações de educação alimentar e nutricional. Ao mesmo tempo, é um instrumento que ajuda na orientação de políticas públicas que visam a apoiar, proteger e promover a saúde das crianças.

No encontro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, Mandetta compartilhou a experiência brasileira e ofereceu ajuda aos demais países

integrantes do grupo, no sentido de elaborar e adaptar guias alimentares às realidades locais de cada um deles.

A ideia é promover, já no primeiro trimestre de 2020, oficinas técnicas para apresentar a metodologia adotada pelo Brasil na elaboração do guia.

Instituída em julho de 1996, a CPLP reúne nove Estados membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Juntos, esses países têm 230 milhões de habitantes distribuídos por quatro continentes.■

Vacinação contra sarampo atinge 99,4% das crianças de até 1 ano

Nove estados não cumpriram a meta de cobertura de 95% da população

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A campanha nacional de vacinação contra o sarampo registrou o melhor índice dos últimos cinco anos, com índice de cobertura de 99,4% das crianças de até um ano de idade. Com o resultado, o Brasil ultrapassou a meta de cobertura da vacina tríplice viral - contra sarampo, rubéola e caxumba - estabelecida pelo Ministério da Saúde.

No entanto, de acordo com a pasta, nove unidades federativas não atingiram a meta mínima, de 95%: Pará (85,4%), Roraima (87,9%), Bahia (88,9%), Maranhão (90%), Acre (91,4%), Piauí (91,9%), Distrito Federal (93,7%), São Paulo (93,9%) e Amapá (94,9%).

“Ainda temos cerca de 1,9 mil municípios que, mesmo com a intensificação das ações de vacinação por meio de campanhas, não conseguiram atingir a meta. Isso é preocupante para 2020,



Campanha nacional de vacinação contra o sarampo registrou o melhor índice dos últimos cinco anos

porque ainda existe surto da doença no país”, alertou por meio de nota o diretor do Departamento de Imunizações e Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, Julio Croda.

Ao longo do ano, foram

realizadas duas etapas de vacinação contra o sarampo em municípios fronteiriços. Em São Paulo foi feita uma campanha de vacinação no meio do ano, após o surgimento de alguns casos da doença, após registro de surto em um navio

atracado no Porto de Santos.

Duas outras campanhas foram feitas em todo o país até o dia 30 de novembro. Uma destinada a crianças de 6 meses a menores de 5 anos, e outra à população de 20 a 29 anos.■

Meta da agropecuária é o mercado interno

A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, disse nesta semana que a prioridade do setor agropecuário é abastecer o mercado brasileiro e apenas depois atender a demanda externa. Segundo a ministra, o Brasil tem um mercado interno grande e “robusto. A fala da ministra ocorreu na comunidade de Palmas, em Arroio do Meio, Rio Grande do Sul, onde participou da inauguração de um frigorífico.

Tereza Cristina enfatizou que a abertura de mercado externo permite equilíbrio dos preços e contribui para a melhoria da qualidade da produção nacional.

“À medida que você abre novos mercados, você também sobe a régua da qualidade. Por isso que é importante a gente ver aqui a qualidade.”

Antes da inauguração do frigorífico, a ministra visitou uma unidade de produção de leite que recebeu investimentos de R\$ 6 milhões e contou com o

apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Segundo a ministra, a profissionalização do setor leiteiro deve elevar a produtividade e baixar o custo de produção.

Ministra afirma que prioridade é o mercado brasileiro e só depois a demanda externa

“A maioria dos pequenos produtores produz leite. Agora, o leite tem um problema de custo, que no Brasil ainda é alto. Estamos vendo aqui outros modelos de produção, que a gente pode fazer para levar os pequenos produtores a um modelo mais produtivo, que lhes dê renda, porque senão a gente vai continuar tendo problemas”, disse.■